

Conjecturas de Cleonice

João Dionísio¹

(Centro de Linguística da Universidade de Lisboa)

No prefácio ao volume *Conjecturas e refutações*, Karl Popper explica como o progresso do conhecimento se realiza por intermédio de conjecturas, que depois são escrutinadas por tentativas de refutação. Podendo embora suplantar estes escrutínios, não podem as conjecturas ser “categoricamente justificadas”, isto é, nem podem ser “demonstradas como indubitavelmente verdadeiras, nem mesmo como «prováveis» (no sentido do cálculo de probabilidades)” (POPPER, 2003, p.9). Para Popper, é a sua natureza crítica (ou seja, a indemonstrabilidade que lhes está associada) e progressiva (quer dizer, pertencerem a uma história do conhecimento) que faz do processo de conjecturar uma trave mestra da racionalidade do saber.

É do exercício da conjectura no campo da edição de Fernando Pessoa que tratam estes apontamentos.

Deve-se a Cleonice Berardinelli a responsabilidade pelo volume zero da edição crítica da obra de Fernando Pessoa, *A Passagem das Horas*, de Álvaro de Campos. Com este volume se anunciou em 1988 o projecto editorial que depois começaria com *Poemas de Álvaro de Campos*, também editado por Cleonice Berardinelli, e que tem continuado até ao presente (o mais recente volume, preparado pelo coordenador do projecto, Ivo Castro, diz respeito aos *Poemas de Alberto Caetano*). Ao longo de quase trinta anos foram sendo observados os princípios gerais de recenseamento de todos os testemunhos, da sua transcrição, da aplicação de um confronto entre eles com vista à determinação da última vontade autoral documentada e assim da constituição do texto com base na última lição conhecida. Esta linha de continuidade não impediu que algumas alterações mais ou menos contingentes fossem sendo introduzidas. Uma delas tem a ver com o que no início do projecto foi designado “aparato conjectural”. Segundo

¹Professor na Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Membro do Grupo de Trabalho para o Estudo do Espólio e Edição Crítica da Obra completa de Fernando Pessoa.

a explicação de Ivo Castro, este aparato destinar-se-ia ao registo das variantes de criação perante as quais o autor não chegou a escolher e que são “difíceis de destrinçar cronologicamente” (in PESSOA, 1988, p. XII). Quando, pouco mais tarde, Ivo Castro apresentou o modelo editorial adoptado na edição crítica de Pessoa, o aparato de conjecturas passara a designar-se simplesmente “Conjecturas” e a corresponder ao dispositivo “onde se arquivam todos os lugares em que o editor procedeu a emenda ou preencheu lacuna sem apoio em documentação textual ou em constatação do carácter recorrente ou mecânico do erro, mas fazendo uso exclusivo do seu engenho” (CASTRO, 1990, p. 56). De facto, é este segundo sentido que prepondera já no livro de 1988, o que permite observar o cuidado de Cleonice Bernardinelli na técnica da emenda sem apoio documental. O que se segue é um digesto exemplificativo desta técnica nas edições antes mencionadas dos poemas de Álvaro de Campos, avançando de casos mais consensuais para casos de mais difícil abordagem.

Dado que a maior parte dos poemas atribuídos a Álvaro de Campos não foi publicada em vida e é frequente Fernando Pessoa só fixar a pontuação na etapa conclusiva da criação do texto, Cleonice Berardinelli intervém para introduzir marcas de pontuação. É o que se pode observar no verso seguinte (marco por [] a zona da intervenção): “Despi-me[,] entreguei-me,” (PESSOA, 1988, p.14, v.44). Outro campo de intervenção consiste na identificação de lacunas em zonas repetitivas do texto, frequentemente anafóricas. Assim: “Não sei se a vida é pouco ou de mais para mim. | Não [sei] se sinto de mais ou de menos, não sei | Se me falta escrúpulo espiritual, ponto-de-apoio na intelligencia, (PESSOA 1988, p.17, v.114-116; 1990, p.152, v.114-116). No v.115 a ausência de forma verbal no lugar onde foi acrescentado “sei” daria origem a agramaticalidade.

Caso semelhante ao anterior pela percepção de estrutura de repetição, mas diferente porque convida a eliminação de parte do texto autógrafo tal como se encontra no testemunho, é o seguinte (marco por { } as letras excluídas por Cleonice Berardinelli): “Tu, que tiras o mundo ao mundo, tu{do} que és a paz, (PESSOA 1988, p.19, v.185; 1990, p.155, v.185). A conservação de “tudo”, além de chocar por agramatical, colidiria com a organização anafórica desta zona do poema, que prossegue “Tu que não existes, que és só a ausencia da luz, | Tu que não és uma cousa, um lugar, uma essencia, uma vida”. Também semelhante, mas com a estrutura de repetição a ter

motivado lapso aparente corrigido por Cleonice Berardinelli, é a situação do último verso desta série: “Cavalgada alada de mim por cima de todas as cousas, | Cavalgada estalada de mim por baixo de todas as cousas, | Cavalgada alada e estalada de mim por coisa [*corrigido para causa*] de todas as cousas... (PESSOA 1988, p.24, vv. 329-331; 1990, p. 159, v. 329-331).

Já a troca inadvertida de letras está na origem de: “Eu, a creança no carro, que acena á sua inconsciência lucida com um coral [colar] com guizos” (PESSOA 1990, p. 164, v.34). É mais económico pensar que se acena com um colar do que com um coral de guizos. Suplementarmente, um pouco depois no mesmo poema (v.43), Pessoa parece ter incorrido em nova troca de letras, embora desta vez a tenha sinalizado: “O logar (o largo) onde se encontram as duas ruas e os chauffeurs dormem contra os carros,”. A estar certa esta interpretação, os parênteses marcariam, pois, não a alternativa preferida, mas a correcção de lapso antes cometido.

Estas e outras intervenções, tão discretas quanto necessárias, resultam da identificação de zonas de agramaticalidade ou de improbabilidade estilística que, em princípio, não podem ser explicadas como o resultado de uma deliberação por parte de Pessoa. Embora em absoluto incertas (e dotadas da natureza crítica que Popper reconhece nas conjecturas), intervenções deste género baseiam-se na percepção de um padrão (de uso do sistema linguístico) interrompido sem motivação aparente, sendo a reposição do padrão mais económica do que a conservação do que o interrompe.

Por vezes, entretanto, o critério de economia afigura-se insuficiente para uma tomada de posição segura, como se vê no v. 126 de “Passagem das Horas [II]”: “Absolutamente rôto por me roçar contra s cousas”. Que fazer daquele *s* que indicia o determinante “as”? Emenda-se no sentido de introduzir o determinante que não foi introduzido por lapso ou suprime-se a letra à conta de distração? Cleonice Berardinelli convoca o contexto para chegar à identificação de um padrão de que o determinante está ausente (e com base nessa ausência eliminou o *s*): “Absolutamente rôto por me roçar contra {s} cousas, | Ferido na bocca por morder cousas, | Com as unhas em sangue por me agarrar a cousas,” (PESSOA 1990, p.167, vv.126-128). De modo semelhante ao que se verificou atrás, a conjectura baseia-se no alargamento do campo de observação aos versos vizinhos de forma a fixar um comportamento predominante.

Uma zona de intervenção mais incerta tem a ver com a presença de sinais de início e fecho de passo (aspas, parênteses) que ou marcam começo sem que o fim do passo seja assinalado ou inversamente assinalam a conclusão sem que o início esteja marcado. Em teoria, estes sinais incompletos podem ser interpretados como um indício de desatenção (por exemplo, o trecho parentético não ter sido fechado devido a distração por parte do autor) ou como um indício de que o autor prescindira desta forma de escrita. A decisão de Cleonice Berardinelli por uma destas interpretações, que aproxima a situação da primeira aceção dada ao aparato conjectural, é baseada na leitura cuidadosa do texto. Assim, o seguinte acrescento: “Ó parte externa de mim perdida em labyrinthos de Deus![])” (PESSOA 1988, p.15, v.68) decorre da percepção de que *A Passagem das Horas* é interrompida no seu fluxo por uma mudança de tom causada pelo aparecimento de dois novos interlocutores expressos, Freddie e Mary, aos quais o sujeito se dirige numa estrofe começada com parênteses. O v.69, já fora deste excursão, retoma aquele fluxo (cf. também PESSOA 1990, p.150, v.55, a p.151, v.68).

Caso aparentado é o da ocorrência de dois parênteses de fecho para apenas um de início. No poema de difícil transcrição cujo *incipit* é “Carnaval □”, o v.16 apresenta-se assim: “(Sempre /*alegria/) de varias pessoas)”. Como a quadra onde este verso se insere está insuficientemente decifrada, não é possível recorrer a princípios de coesão semântica para ver, de acordo com o texto nela contido, se faz mais sentido fechar os parênteses depois da segunda palavra ou depois do fim do verso. Nestas circunstâncias, o raciocínio de Cleonice Berardinelli consiste em interpretar a sucessão de parênteses de fecho como uma hesitação do autor. De acordo com o critério adoptado pela Equipa Pessoa para situações deste género, escolhe-se a última variante e parece mais económico ver no segundo parêntese de fecho a variante mais recente. E foi esta a decisão da editora [PESSOA, 1990, p. 65].

Outra zona de intervenção incerta, e cujo âmbito também a coloca próxima do primeiro sentido atribuído a este aparato de conjecturas, é a respeitante a passos onde Pessoa assinala uma das palavras, sendo que o verso é viável quer com essa palavra quer sem ela: “E misturar-se com {a} terra até sujar o fato e o cabelo...” (PESSOA, 1988, p.22, v.276). A conjectura depende da interpretação do sinal de parênteses que envolve o determinante. Trata-se de sinal de preferência ou de exclusão? Cleonice Berardinelli prescinde do determinante neste verso, mas em geral interpreta os

parênteses em circunstâncias afins como um marcador de preferência. Disto mesmo é exemplo o seu procedimento na fixação de “Saudação a Walt Whitman” (PESSOA, 1990, p. 118 e 120, vv. 8 e 54), com a alternativa parentética adoptada no lugar da redacção inicial. Note-se que Cleonice Berardinelli explica como o uso de parênteses por parte de Pessoa na qualidade de marcador parece estar sujeito a uma gama de usos diversificada (cf. PESSOA, 1990, p. 118, nota). Na ausência de um estudo sistemático sobre este uso e sobre a sua variação, o editor parece ter de conformar-se ao recurso à conjectura sem rede, o que José Van Den Besselaar chamou o “último remédio em matéria filológica”, como Cleonice Berardinelli apropriadamente destacou [cf. BERARDINELLI, 1978, p. 85].

Estes, e outros, casos ilustram o comportamento editorial de Cleonice Berardinelli num grau interventivo mais assertivo do que fez, por exemplo, com o texto quinhentista do *Auto de Vicente Anes Joeira*. Mas, claro está, trata-se de um grau bem menos interventivo do que a projecção às vezes forte da interpretação literária em gestos editoriais, também documentado na sua edição de Álvaro de Campos. É neste nível intermédio, de discretas medidas, que se manifesta sobremaneira a sensibilidade e o bom senso de Cleonice Berardinelli, a demonstrar que o território da conjectura vai desde os primeiros aos últimos remédios.

Bibliografia

Auto de Vicente Anes Joeira. Edição de Cleonice Berardinelli. Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1963.

BERARDINELLI, Cleonice. Recensão a António Vieira. *História do Futuro* (Livro Antepreimeiro), Edição crítica prefaciada e comentada por José van den Besselaar, Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, Münster Westfalen, 1976. *Colóquio-Letras* n.º 45, Setembro 1978, p. 85-86.

CASTRO, Ivo. *Editar Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990.

PESSOA, Fernando. *A Passagem das Horas*, de Álvaro de Campos. Edição de Cleonice Berardinelli. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.

PESSOA, Fernando. *Poemas de Álvaro de Campos*. Edição de Cleonice Berardinelli. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990.

PESSOA, Fernando. *Poemas de Alberto Caeiro*. Edição de Ivo Castro. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2015.

POPPER, Karl. *Conjecturas e Refutações*. Trad. Benedita Bettencourt. Coimbra: Almedina, 2003.